

## ***A situação geo-política da Europa na virada do século XX e o nacionalismo musical***

Cândida Borges

A revolução francesa, ao destruir o antigo regime, foi a grande catalisadora das mudanças na Europa. Os exércitos revolucionários levavam consigo não somente o lema de “liberdade, igualdade e fraternidade” mas as idéias do liberalismo, auto governo e nacionalismo que seriam os temas centrais da história europeia no século XIX. Foi principalmente a opressão francesa de Napoleão que provocou reações nacionalistas na Espanha, na Rússia, no Tirol e, por último (depois de 1807), na Alemanha. Ela foi uma das causas do nacionalismo do final do século XIX. Apesar de tudo, não se deve exagerar a força do nacionalismo na primeira metade do século XIX. Até 1866, a maioria dos alemães e italianos tinham mais interesse pelos seus governantes e culturas provinciais (bávara, de Hesse, Toscana, Emiliana) do que pelo ideal de unidade nacional. No vasto Império Austríaco, que governava uma grande variedade de nacionalistas, somente se mostravam inquietos os tchecos e os húngaros; ambos os povos, orgulhosos de um passado independente, buscavam a autonomia dentro do Império e não independência nacional. Na Itália e na Alemanha, depois de 1854, a nova geração de estadistas europeus não conseguiram preservar a antiga ordem, ao mesmo tempo que o desenvolvimento comercial e industrial dava novo impulso ao desejo de unidade nacional. Ainda que o critério básico da nacionalidade fosse o idioma, os grupos lingüísticos estavam tão entremeados que uma divisão baseada na língua era absolutamente impraticável, sobretudo na península dos Bálcãs. Por outro lado, aqueles que desejavam recuperar seus irmãos perdidos há tempos nem sempre reconheciam o idioma como único critério de nacionalidade. Estabeleceram demandas nacionalistas muito conflitantes e expressaram-nas em termos do folclore, da literatura, da história nacional e das teorias raciais e lingüísticas. Em conseqüência, por volta de 1913, os turcos haviam perdido quase todas as colônias na Europa, a Grã-Bretanha tinha problemas com a Irlanda e a Noruega exigia uma separação da Suécia.

Esta situação política se fez sentir nas artes de maneira a moldar as suas manifestações. O sentimento político embalou as composições do século XX, refletindo os anseios e virtudes dos povos.

Depois da influência da Wagner, a força mais poderosa da música em meados do século XX foi o nacionalismo, um nacionalismo relativamente consciente que surgia, praticamente em todos os casos por razões políticas, geralmente pela repressão política. O deliberado germanismo de Weber era um produto do intenso sentimento nacional da guerra da liberação contra Napoleão e o sentimento nacionalista alemão se manteve a uma elevada temperatura ao longo de todo século, primeiro pelas aspirações liberais e o desejo de uma Alemanha unificada, depois pela vitória sobre a França e estabelecimento do Império. Chopin, Liszt e Smetana se fizeram sem dúvida músicos patriotas devido a repressão que sofreram seus respectivos países por parte da Rússia e Áustria. Não se deve esquecer que a Noruega de Griek, ligado incomodamente à Suécia, era consciente da sua condição nacional com muito mais agressividade do que Noruega de hoje. A Rússia não sofreu uma dominação estrangeira mas sofria e muito, de uma mescla de complexo de inferioridade com um imperialismo quase místico.

A imposição dos caracteres raciais na arte, os chamados *nacionais* no sentido de fronteiras políticas, às vezes arbitrárias, foi ocasionando diferentes aspectos próprios às idéias ou aos gostos imperantes no Romantismo: Idéias de liberdade política em povos submetidos ao julgo de impérios tiranos, como Polônia, destruída por vizinhos ferozes, igual a Boêmia e a Hungria a respeito da Áustria; liberdade política das classes submetidas a tirania senhorial, como na Rússia, onde a escravidão existia até a época de Glinka. Complexos de inferioridade de outros povos dominados culturalmente por seus vizinhos: assim foram os escandinavos. Ou sucesso pitoresco dos seus costumes e tipos populares, como na Espanha. Necessidade de maior afirmação do caráter nacional, que era o caso da França, frente a um germanismo musical invasor, por trás do wagnerianismo. Necessidade de alguns povos vagamente situados de serem ouvidos como os búlgaros; mais tarde, outros povos que seguiam a corrente: os gregos, iugoslavos; regiões dentro de cada país, como os catalães, os vascos, os andaluzes, os galegos na Espanha; povos criados por outros povos e que a favor do movimento romântico se fazia, independentes, como os americanos a respeito da Espanha.

Desde que o século XVI os flamengos, os espanhóis e os ingleses tinham deixado de fazer contribuições próprias para a música européia, esta fora quase inclusivamente obra dos italianos, alemães e franceses. À chegada do Romantismo, povos de imensa tradição musical como Itália, França e Espanha estavam esquecendo sua história, ou já a haviam esquecido completamente, como a Espanha; mas haviam sabido conservar rasgos tipicamente nacionais em algum setor reduzido. No começo do século XIX com o romantismo, novos competidores aparecerem: os escandinavos, os russos, os húngaros, os poloneses. É a primeira onda de nacionalismo musical, percorrendo a Europa.

Não incluímos a Itália e Alemanha nessa explicações sobre o nacionalismo. Não que dizer que o sentimento romântico não existisse em seus músicos do período romântico, senão precisamente algo mais; que este sentimento estava de tal modo implícito em sua música, como seu elemento essencial, que não era necessidade de seus artistas pô-lo em evidência, somando-se a um movimento que eles não tinham porque seguir. Pois esse movimento foi em princípio um gesto de rebeldia contra um tipo de cultura não nacional nos países que o iniciaram.

A Alemanha havia conhecido um movimento semelhante a este a muito tempo atrás, e não necessitava repeti-lo em tempos românticos quando esses vasto país, tão mesclado de gentes e culturas, já terá um conceito cultural próprio, inconfundivelmente seu. Apesar das influências estrangeiras, a Alemanha já possuía uma produção típica, todo um sistema composicional estabelecido, que guiava as produções de todo o mundo. Desta maneira, o nacionalismo na Alemanha não teve impactos tão evidentes em sua produção, como em outros países. A Alemanha acentuou as características de sua tradição histórica (ainda que muitos deles não fossem tipicamente alemães, senão caracteres estrangeiros, mas assimilados anteriormente). Os artistas românticos alemães não tiveram necessidade de buscar outras características, senão as próprias da música de seus antecessores, para afirmar sua qualidade nacional.

Com a conquista do palco de ópera, a música alemã, que já dispusera do quase monopólio da música instrumental, tinha a hegemonia musical na Europa. Apesar da glória internacional de Rossini, nenhuma outra nação tinha o que opor aos Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn e Weber. Mas essa hegemonia já continha em si própria a o germe desse destruição, pois fora conquistada, contra

os italianos, pelo forte destaque da qualidade tipicamente alemães da música alemã. Outras nações não tardam em opor à predominância dos alemães suas próprias particularidades nacionais, servindo-se portanto os mesmos recursos: o romantismo como meio para encontrar e descobrir a alma popular.

O patriarca pode expor seus sentimento mediante a eleição de temas patrióticos e obras sinfônicas como fizeram Glink, Liszt e Smetana. Mas isso afeta sua música apenas externamente, deixando imutável seu verdadeiro conteúdo. O autêntico nacionalista vai mais além. Exporta os ritmos característicos das festas nacionais, como Chopin e Dvorek; e geralmente chega ainda mais longe incorporando melodias do folclore em sua música ou imitando deliberadamente a linguagem popular.

### **Bibliografia**

- Atlas da História Universal – The Times – Editora Times Books Ltda 1989
- SALAZAR, Sintesis de la Historia de la Musica, editorial Pleamar Tucumán 1585
- CARPEAUX, Uma Nova História da Música – Zahar Editores
- CHASE, Gilbert - The Music of Spain – Dover Publications, Inc
- PAZ, Juan Carlos - Introdução à Música de Nosso Tempo – Editorial Sudamericana
- GROUT, Donald J. e PALISCA, Claude V. – História da Música Ocidental – Editora Gradie 1988

Cândida Borges

[www.candidaborges.com](http://www.candidaborges.com)

Rio de Janeiro, 08/05/01